

A ARTE COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Darling de Lira Pereira ¹

RESUMO

Este artigo, vem para as escolas com a finalidade de provocar no meio docente discussões, referente a importância da arte como agente de transformação social, que significa potencializar a promoção de inclusão social nos espaços onde há a invisibilidade de muitos atores sociais, fruto da alienação da mídia e de políticas homogeneizadoras, que não respeitam o multiculturalismo latente na contemporaneidade. Assim, sendo a arte como um difusor da cultura por excelência, possibilita com o seu estudo a promoção e o protagonismo dos atores sociais, pois estes, ao se sentirem parte integrante, a partir do seu pertencimento e reconhecimento da sua cultura, são capazes de provocar mudança social na sua comunidade. As instituições educacionais se constituem como ambientes favoráveis para possibilitar uma educação que desenvolva no processo ensino-aprendizagem uma reflexão e práticas voltadas a valorização da Arte presente no cotidiano do discente, como intrínsecas nos processos de interações comportamentais entre professores e alunos. Na busca de contribuir, de forma significativa, para a participação ativa da comunidade escolar além dos muros da própria escola, através da história de vida de cada discente. E por seqüência, a realização do processo de inclusão da realidade cultural dos discentes a partir dos acontecimentos do cenário local, regional, nacional e mundial, estimulando uma visão crítica que respeite as diversidades (regionais, culturais, políticas, linguísticas, sociais, religiosas, econômicas e sociais); para que se permita a formação cidadã como verdadeiros agentes sociais em conformidade com a sua vivência e experiência da sua realidade local interconectada com a realidade mundial.

Palavras-chave: Arte, Ensino-Aprendizagem, transformação social, pertencimento cultural.

INTRODUÇÃO

O século XXI confere à sociedade contemporânea o conceito de novas formas de pensar e conceber o mundo, resultante dos avanços científicos, da expansão dos meios de comunicação, do advento de tecnologias que rompem as barreiras do tempo e do espaço e, essencialmente, da globalização econômica e cultural. Este último elemento desperta uma necessidade de interpretar e compreender as tendências de dominação do mundo atual, que surgem dessa própria conjuntura proveniente da dinâmica de uma sociedade cada vez mais consciente da necessidade da transposição das fronteiras dos países e em busca do desenvolvimento de um espaço dialógico cultural. A arte, dentro desse mundo globalizado, não

¹Mestre pelo Curso de Antropologia da Universidade Federal da Paraíba – PB. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande-PB, darli.lyra@gmail.com

deve passar despercebida e inexpressiva, de forma que os valores e práticas que emergem da cultura dos povos, particularmente das minorias, não sejam vistos como obsoletos, defasados e menosprezados; mas sim, que se possa romper paradigmas preconceituosos em prol da valorização e do resgate da memória cultural local, bem como da preservação e difusão do patrimônio artístico nacional. Além disso, diante de uma realidade cada vez mais excludente e de anomalia social, faz-se imprescindível conceber que a arte é uma excelente ferramenta para promoção da mudança social, por se tratar de uma prática que promove a reflexão, a sensibilização, a criatividade e a inclusão social.

Segundo Bhabha (1998, p. 20)

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início aos novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação no ato de definir a própria ideia de sociedade.

Por esta razão, compreender o papel da arte como agente de transformação social é de fundamental importância, visto que através das manifestações artísticas a sociedade pode expressar esses “entre-lugares”, tão particulares para a construção das identidades culturais. Ademais, valorizar as diversas culturas significa romper narrativas subjetivas, que tendem a mensurar e julgar o valor cultural de determinada arte ou procedente de certo grupo social, conduzindo à preconceitos de várias ordens que são prejudiciais ao patrimônio artístico de nosso país.

Nesse sentido, a arte como agente de transformação social significa potencializar a promoção de inclusão social nos espaços onde há o apagamento e a invisibilidade de atores sociais, fruto da alienação da mídia e de políticas homogeneizadoras, que não respeitam o multiculturalismo latente na contemporaneidade. De tal modo, sendo a arte um difusor da cultura por excelência, possibilitar o seu estudo promove o protagonismo dos atores sociais, pois estes, ao se sentirem parte integrante, a partir do seu pertencimento e reconhecimento, são capazes de promover mudança social.

As instituições educacionais se constituem como ambientes favoráveis para possibilitar uma educação que promova a discussão da arte e fomente um espaço no qual ela sirva de pano de fundo para a construção de uma sociedade mais justa. A educação é existencial

e relacional, isso, por si só, já deveria trazer humanidade/humanismo para os debates sobre a educação, cultura e arte. Assim, apesar da tradição do ensino do Ensino de Artes, estar muito arraigada a simples transmissão conceitos e, principalmente, nas práticas que sintetizam a disciplina apenas em exercício de atividades manuais sem uma fundamentação crítica e em momentos pontuais nos períodos de festas tradicionais. Nesse sentido, é preciso uma educação não só para o mercado de trabalho, fundamentada pela educação bancária, mas para a vida. Sendo, portanto, preciso socializar as teorias e as práticas do ensino-aprendizagem, que apreciem os atores sociais em sua construção pessoal, cultural e artística.

Assim, na tentativa de explicitar os devires da educação na transmissão cultural, corrobora-se aqui com o pensamento de BOURDIEU (1998), que para este autor a estrutura familiar, esteja inserida em qual for a classe social, transmite para suas futuras gerações de maneira direta ou indireta, seu capital cultural, como posse de bens, títulos e capacidades culturais, podendo ser dividido em forma objetivada (posse de obras de arte), institucionalizada (diplomas, títulos) ou incorporada (capacidades culturais) e um certo ethos - entendido como um sistema de valores implícitos. Esta herança cultural é responsável por consideráveis e aparentes diferenças no êxito escolar de alunos oriundos de classes sociais diferentes, já que o capital social e o ethos presente nas classes dominantes representam também discrepantes diferenças quando comparados com as classes populares.

Faz-se então imprescindível discutir a arte enquanto parte da educação, pois todas as manifestações culturais são tecidas no cotidiano dos seres humanos. Em busca de se integrar ao universo tanto exterior quanto interior, o ser humano, historicamente, sempre buscou representar a realidade e expressá-la através da arte, da linguagem, da dança, da pintura, enfim, das suas narrativas, emoções, valores e caráter. Mas a arte criada/recriada ao longo do tempo e espaço, não é estanque, a sua interpretação necessita vibrar e explodir naquele que com ela se defronta. Neste caso, no processo dialético de fomentação do conhecimento realizado pelo professor e o aluno, transcende as barreiras do isolamento, do ser individual para explodir nos seres coletivos.

E só por esse caminho podemos compreender os valores cognitivo, moral e emocional da arte. É indubitável que estes podem existir, mas apenas como momento secundário, como certo efeito da obra de arte que não surge senão imediatamente após a plena realização da ação estética. O efeito moral da arte existe, sem dúvida, e se manifesta em certa elucidação interior do mundo psíquico, em certa superação dos conflitos íntimos e, conseqüentemente, na libertação de certas forças constringidas e reprimidas, particularmente das forças do comportamento moral. (VIGOTSKI, 2001, p. 340).

A cultura é parte da nossa construção como ser humano, faz parte do nosso desenvolvimento sermos criativos e disseminadores da cultura, manifestadas de diversas formas de artes, desde os primórdios até os dias de hoje, inventamos e reinventamos a nossa realidade sociocultural. Segundo, Candau (2003) a cultura é um fenômeno plural, multiforme que não é estático, mas que está em constante transformação, envolvendo um processo de criar e recriar. Ou seja, a cultura é por sua vez um componente ativo na vida do ser humano e manifesta-se nos atos mais corriqueiros da conduta de cada pessoa e, não há, uma só pessoa que não tenha cultura, portanto, que não faça parte de uma sociedade decorrente de uma perspectiva sociocultural.

Deste modo, a cultura torna-se um processo de influência mútua entre as pessoas, grupos e sociedades. Logo, conhecer a sua própria identidade cultural, assim como dos demais, significa lançar mão de um instrumento que possibilita a construção de uma compreensão mútua entre as culturas, respeitando as diferenças e reconhecendo o caráter multicultural da sociedade. Como ressalta Moreira (2008), o multiculturalismo crítico, enfatiza o papel da linguagem e das representações na construção do significado e da identidade. Representações de raça, classe e gênero são entendidas como resultado de lutas sociais mais amplas em torno de signos e significados, o que associam a preocupação com o discurso a tarefa de transformar as relações sociais, culturais e institucionais nas quais o significado é gerado.

Nesse contexto, o presente artigo tem por mote principal conceber a arte como agente de transformação social, fomentando o estudo a partir da reflexão e da discussão das atividades artísticas como potencial ferramenta, tanto para a valorização e/ou resgate de manifestações culturais, considerados como elementos fundamentais no desenvolvimento de atores sociais, capazes de serem leitores críticos e protagonistas do seu próprio entorno, mediante o reconhecimento do valor cultural que cada um leva consigo, expressado em suas práticas sociais.

Da mesma forma, que também é essencial os conhecimentos desenvolvidos nos componentes curriculares de literatura, sociologia, filosofia, história, educação física, geografia, ciência ou biologia, das disciplinas que abordam as linguagens, associados a disciplina de Arte, visto que são de grande relevância para a formação cidadã de estudantes críticos e conscientes da necessidade do protagonismo juvenil para a promoção de mudança social. Assim sendo, podemos dizer, que a Arte promove diversas abordagens da cultura no processo educacional e uma interação criativa com outras áreas do conhecimento, uma vez que a própria arte possui uma dimensão interdisciplinar. “Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente e desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida [...]” (BARBOSA, 2012, p. 19).

É importante considerar, que arte transforma e molda o ambiente social a partir da criatividade dos agentes sociais, por estar conectada a produção de conhecimentos que compreendem as manifestações culturais criadas através da arte. Assim, buscar um olhar para a função da arte no campo do conhecimento multidisciplinar, é imprescindível para produzir um pensamento mais reflexivo e crítico, ponderando a cultura como essencial no desenvolvimento da criatividade. Do mesmo modo, que é preciso romper com os pré-conceitos sobre do Ensino de Artes, considerada como uma disciplina sem importância, desvalorizada na educação, onde ocupa um espaço secundário de apenas ser um complemento da carga horaria para os docentes e que não reprova os discentes.

À compreensão do papel do Ensino de Artes, na formação do ser humano para o exercício da cidadania, foi promulgado pela LDB (2024), como o processo de ensino-aprendizagem que precisa contextualizar as experiências e as vivências artísticas como prática social, consentindo que os discentes se constituam em verdadeiros atores principais e criadores da sua realidade cultural.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB. Art. 1º. 1996)

Conforme Brandão (2008), tudo o que se passa no âmbito daquilo a que nos acostumamos a dar o nome de educação, acontece também dentro de um âmbito mais abrangente de processos sociais de interações chamado cultura. Criadores de sua própria história, os homens atuam, pensam, simbolizam e interagem propositadamente a partir de suas vivências cotidianas de vida, construídas com outros agentes sociais que compartilham esse fazer histórico em determinado espaço e tempo.

Deste modo, é essencial provocar esse debate dentro da escola, mesmo com todos os obstáculos que possam surgir. Já que, a própria ação de ensinar, não é estática e sim dinâmica, assim, é preciso atitude do querer fazer à Arte acontecer, mesmo diante da complexidade metodológica e prática que em muitos casos se apresentam como desafios. No entanto, é importante que o docente conheça a realidade do entorno da escola, para além de seus muros.

Para Freire (2004), o Professor é leitor da palavra e do mundo, portanto, com conhecimento de causa, pode assegurar, o tempo todo, que há sempre algo diferente a fazer na nossa cotidianidade educativa, enquanto práxis – mudança, transformação, superação – quer seja na condição de educador que transfere o que sabe para o educando e, que ao mesmo tempo, aprende com a realidade de mundo de seus educandos. Portanto, não há como negar o

pressuposto de que não há docência sem discência e que ensinar exige rigorosidade metódica e é uma especificidade humana (FREIRE, 2004).

Segundo Duarte (2020) para compreender e transformar a realidade as pessoas necessitam “apropriar-se do saber sistematizado que ultrapassa os limites do manejo pragmático das coisas e alcança os processos de movimento da realidade em sua forma mais ampla e mais profunda”. Nesse sentido, os conhecimentos a serem ensinados ou as práticas educativas na escola não devem visar, portanto, apenas a preparação dos indivíduos para as demandas prático-utilitárias da cotidianidade. “A escola deve socializar a cultura científica, artística e filosófica de maneira que possibilite às pessoas a compreensão da realidade e de si próprias como parte dessa mesma realidade” (DUARTE, 2020).

Nesse contexto, no caminhar do querer fazer à Arte acontecer, é necessário buscar o engajamento e a socialização com todos os docentes coerentes com a ação de ensinar e aprender no processo recíproco do saber doar e receber com a maestria da nossa realidade cotidiana na e fora da sala de aula, a partir das ações coletivas que se consolidam na instituição escolar e para além desta, tendo em vista o poder da educação de transformar as relações sociais, uma vez que o ato de concretização deste feito, não se realiza fora da sociedade e, sim na contextualização de ações sociais, que torna o processo de ensino-aprendizagem mais significativo aos olhos dos discentes, conseguem atribuir sentido ao que estudam, por se identificarem como parte ativa da construção do conhecimento.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada na realização da pesquisa que, resultou na elaboração deste artigo, foi a qualitativa com análise de material bibliográfico para discutir conceitos relativos sobre à cultura, educação, arte e a sociedade. Foi realizada também uma pesquisa de campo com discentes dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da Rede Estadual, através de um questionário com perguntas abertas.

A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995),

[...] não procura enumerar e/ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise dos dados. Parte de questões ou focos de interesses amplos, que vão se definindo a medida que o estudo se desenvolve. Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995, p. 58).

Os dados foram coletados por meio de questionários com perguntas abertas, pois entende-se que em estudos qualitativos “[...] há sempre uma intenção de buscar o olhar, a narrativa do Outro, isto é, o modo como os coparticipantes enfrentam os temas que estão sendo destacados” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Minayo (2007) enfatiza que a pesquisa qualitativa “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” e, a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, busca compreender e interpretar a realidade.

Conforme, Moraes (1999), a análise de conteúdo tem um significado especial no campo das investigações sociais e “[...] constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias”, defende Moraes

Compartilharam desse estudo os discentes do 1º ano B/A, do 2º/ A ano e do 3º ano /C do Ensino Médio da Rede Estadual de Pernambuco. O tratamento qualitativo dos dados envolveu a leitura e análise do material coletado a partir da análise de conteúdo (TRIVIÑOS, 1987).

Embora os questionários terem sido aplicados em três turmas do Ensino Médio, muitos dos questionários vieram em branco e/ou incompletos. Assim, no percurso da análise dos questionários respondidos, observou-se na maioria das respostas dos discentes, que existe um desinteresse pela cultura, relegada a ocupar um espaço cada vez menor nos discursos dos jovens na atual sociedade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura dos questionários e da análise dos dados empíricos constatou-se quatro pontos a serem ponderados: As percepções sobre a cultura e a arte? A importância da Cultura e da Arte na Sociedade? O papel da cultura e da arte na escola. A arte é capaz de promover mudança social?

Assim, para entender os significados das respostas dos questionários aplicados, e dos questionários não respondidos, é preciso considerar o contexto cultural, educacional, econômico e político de todos que fazem parte dessa realidade social, que influencia a percepção individual e coletiva de grupos na sociedade, conforme se vê em algumas das respostas dos discentes, abaixo:

As percepções sobre a cultura e a arte?

A cultura e a arte são músicas, danças, poesias etc. (E.M)

A arte é a pintura, a dança, a música, as festas tradicionais. (E.M)

A arte é desenhar e pintar, contar histórias, dançar quadrilha no São João, cantar músicas (E.M)

[...] teatros, filmes, músicas, etc. (E.M)

Não sei. (E.M)

Arte e cultura, cultura e artes, são iguais. (1ºE.M)

São vários os tipos de Artes que representam nossa cultura. (2ºE.M)

A dança do passinho, o rap, o funk, sertanejo, pagode, MPB o teatro, rodas de samba, o grafite e outras artes que fazem parte da nossa cultura. (1ºE.M)

A arte sempre foi e será a expressão de uma sociedade. (3ºE.M)

Museu, obras de artes, teatros, balé, danças típicas, copeira também, o folclore brasileiro tudo são artes e cultura. (2ºE.M)

A nossa cultura é o futebol, o samba, o carnaval, o frevo, o forró, o rap e o hip-hop também. (1ºE.M)

Observa-se nas respostas de alguns dos discentes do Ensino Médio, uma visão de que a disciplina de Artes é considerada como secundária e sem importância. Alguns falam das artes e da cultura como se não estivessem conectadas no mesmo ambiente social.

Já outros discentes pontuam a cultura como se não fizessem parte dela, como se fosse algo distante da sua realidade.

Enquanto que um número menor dos discentes, se identificam como membros de uma cultura em que ele faz parte da construção cultural e do fazer cultura no seu meio.

A importância da Cultura e da Arte na Sociedade?

O ser humano se expressa por meio da arte desde os tempos mais remotos; a expressão artística é a forma que o homem encontra para representar o seu meio social. Assim, perceber arte como elemento essencial do encontro homem/sociedade, é inevitável, pois, é por meio dela que o homem decodifica sua própria natureza.

Fischer (1987) destaca que a arte nunca foi uma produção de origem individual, mas sim, coletiva, se originando de uma necessidade coletiva. O ser humano se utiliza da arte para dialogar com o meio em que vive, a arte somente tem sentido quando sua representação for uma representação social. Nesse aspecto, Coli (1989) conclui: “No passado, e ainda hoje, os objetos artísticos possuíram funções sociais e econômicas que permitiram sua constituição e seu desenvolvimento”.

Portanto, percebe-se, que a importância da Cultura e da Arte na sociedade, representa o elo da relação do ser humano com a sociedade em que vive, assim, não existe como falar, da humanidade, da sociedade, sem falar de arte e de cultura.

No entanto, de acordo com grau de importância que alguns alunos deram ao assunto sobre Artes e Cultura e, principalmente, sua atenção e vontade em responder o questionário, demonstram o contrário, afirmando um desconhecimento e descaso com a sua própria cultura.

A cultura é importante, porque ela é um elemento essencial para o enriquecimento da sociedade (2ºE.M)

A cultura é importante porque faz parte da nossa vida! (3ºE.M)

Não vejo a cultura como algo importante na sociedade. (3ºE.M)

Preciso de emprego quando terminar o Ensino Médio. (3ºE.M)

[...] A cultura não dá para sobreviver. (3ºE.M)

Não existe sociedade sem cultura, não existe a humanidade sem cultura. (3ºE.M)

Nosso modo de falar, de vestir, de comer, dança, ri, tudo que fazemos na sociedade é cultural. (1º E.M)

Existem artes em todas as sociedades do mundo [1º E.M]

O papel da cultura e da arte na escola.

A arte é um dos principais meios para que crianças e adolescentes articulem e explorem ideias, sentimentos, percepções e vontades, com responsabilidade, ética e criatividade. Portanto, as atividades artísticas nas escolas, são importantes para a apreensão e compreensão do mundo, desenvolvimento intelectual e autoconhecimento. Além disso, as capacidades de socialização também são praticadas, contribuindo na criação de uma convivência social colaborativa, respeitosa e diversa.

Odeio artes, passei direto em física e matemática e fiquei de recuperação na disciplina de Artes. (1ºE.M)

[...]nem gosto da disciplina de Artes. (2ºE.M)

Eu gosto de Artes, porque canto e toco violão no coral. (2ºE.M)

Eu não sei se a arte é importante na escola. (1º E.M.)

Claro que o papel da arte e da cultura é importante na escola, na sociedade e na vida dos estudantes. (3ºE.M).

Acho que é importante, sim, porque a arte e a cultura são produzidas pelo ser humano. (3ºano)

O papel da arte que é a cultura, é importante, porque faz parte da nossa educação. (2ºE.M.)

Eu não sei qual é o papel da arte e da cultura na minha escola. (1ºE.M)

A falta de uma compreensão sobre a função crítico-constructiva que tem o papel da cultura e da arte no ensino da escola e no ensino da vida, provoca um distanciamento da própria identidade cultural e de uma relação afetiva com o meio em que vivem.

A arte como meio de promover mudança social.

Conforme, pode-se notar nas respostas da maioria dos discente em simplesmente, escrever: “sim”, “não”, “não sei dizer”, “acho que sim”, “Acho que não”, nos remete a possível à compreensão de que os alunos não relacionam a arte como parte do ensino-aprendizagem, nem possuem uma visão reflexiva com atitude no seu cotidiano.

Assim, implica dizer que, na sua grande maioria, os discentes não entendem, o ensino da arte como um caminho que procura, conduzir, incentivar, modificar a realidade social, através da produção de saberes que abarcam não só o ambiente escolar, mas a sua própria realidade com suas experiências, práticas, valores, emoções e histórias da sua comunidade e de seu povo.

Sim pode. (1ºE.M.)

Sim.(1ºE.M.)

Sim.(1ºE.M.)

Sim.(1ºE.M.)

Não. (1ºE.M.)

Não. (1ºE.M.)

Não. (1ºE.M.)

Se for jogado de futebol.(1ºE.M.)

Não sei dizer.(1ºE.M.)

Depende da sorte (1ºE.M.)

Não sei dizer. (1ºE.M.)

<i>Depende da arte que a pessoa</i>	<i>Sim.(2ºE.M.)</i>
<i>faz, que pode fazer sucesso ou não.</i>	<i>Sim.(3ºE.M.)</i>
<i>[...] se fizer muito sucesso vai ficar</i>	<i>Sim.(3ºE.M.)</i>
<i>famoso e ganhar muito</i>	<i>Sim.(3ºE.M.)</i>
<i>dinheiro.(1ºE.M.)</i>	<i>Sim.(3ºE.M.)</i>
<i>Não.(2ºE.M.)</i>	<i>Sim.(3ºE.M.)</i>
<i>Não. (2ºE.M.)</i>	<i>Não. (3ºE.M.)</i>
<i>Não (2ºE.M.)</i>	<i>Acho que sim.(3ºE.M.)</i>
<i>Sim.(2ºE.M.)</i>	<i>Não sei. (3ºE.M.)</i>
<i>Sim.(2ºE.M.)</i>	<i>Acho que não.(3ºE.M.)</i>

Pelos dados coletados verificou-se que as respostas relacionadas, à *Arte como Meio de Transformação Social*, se apresentam com uma certa carência de um pensamento mais crítico e de um conhecimento profundo que envolva o ler, o pensar, o produzir, o criar e, sobretudo o edificar, ou seja, se identificar como o produtor da sua própria cultura, através da percepção e compreensão do se meio, como Ferreira (2001) ressalta, “As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos”. Apenas através da compreensão do sentido dos seus hábitos, crenças, valores, é que o ser humano terá condições de os relacionar às representações e práticas determinadas pela sua visão de mundo.

Já que, a arte na escola tem um poder transformador. Ela desenvolve a criatividade, a capacidade de solucionar problemas, melhora a autoestima, faz o aluno desafiar seus limites e aumenta seu repertório cultural e estético. Um ponto significativo do processo de aprendizagem é o momento em que o aluno, com autonomia, começa a apreciar o trabalho artístico, interpretando e identificando suas características. O aluno também passa a consumir arte de forma natural, seja através de filmes, vídeos, música, internet ou até mesmo ao observar a arte ao seu redor no cotidiano. A arte na escola vai além de aulas de pintura e de desenho, ela está presente na música, no cinema, na TV, na publicidade, na arquitetura e muito mais. Todas estas áreas podem ser exploradas, com criatividade pelo professor no processo de construção do conhecimento.

Entretanto, como já explanado anteriormente, foram constatados, no primeiro momento, a partir da pesquisa da revisão bibliográfica, que existem carências de conteúdos nas disciplinas ligadas ao fazer artístico. E que persistem expectativas anacrônicas a respeito dos objetivos das aulas que desenvolvem conteúdos de Artes. O tempo de aula e a falta de salas

específicas demonstram não haver atenção merecida e provam desconhecimento da importância do ensino das Artes na formação dos alunos.

E ainda no segundo momento, com a participação dos discentes, averiguamos, que o ensino da Arte nas escolas, necessita de um maior incentivo perante a comunidade escolar, algo que os façam se manter atualizados, portanto, relevante para os alunos durante todo o ensino desde o fundamental ao médio/ técnico e tecnológico. Assim, é necessário que os discentes consigam interpretar e valorizar o saber artístico, pois, infelizmente, a arte atualmente é ainda interpretada como uma cultura elitizada e para poucos grupos sociais e culturais, o que se reflete nitidamente no quanto as pessoas subjugam trabalhos artísticos e profissões que envolvam a arte, principalmente a arte da cultura popular, tornando-as também subjugadas, abafadas e desvalorizadas em detrimentos de outros tipos de artes no mercado e nas escolhas individuais dos agentes sociais, determinando o papel social e pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como ponto inicial o olhar dos discentes sobre as aulas com conteúdos sobre cultura, artes, sociedade, diversidade cultural, multiculturalismo dentre outros conceitos que compõem a relação entre homem/mundo. E, mais notadamente, a percepção dos mesmos, sobre o que é Arte, o que é Cultura. Qual a importância destes conteúdos na Escola, na Sociedade e, principalmente, como eles se sentem? Como interagem nas aulas que desenvolvem esses temas.

Conforme exposto podemos considerar que, existe um alheamento da importância da cultura e da arte no processo de aprendizagem, que se dá pela falta de relevância da matéria ao longo da vida acadêmica dos estudantes, refletindo nas percepções de mundo e de futuro que os discentes possa ter, visto que o aluno que não foi incentivado e instruído sobre a importância da arte durante a vida escolar, desenvolvem um conhecimento raso sobre formas artísticas, resultado de tanto tempo de afastamento cultural. Assim, dificilmente os discentes, entendam ou queiram buscar maior conhecimentos sobre arte, ou seja, a própria cultura, pois foi provocado um desencontro no contexto cultural que vivencia, com percepções de distanciamento de algo que faz parte do seu mundo. Logo, sem incentivo nessa área as prioridades de escolha acabam seguindo para as disciplinas com maior histórico como as citadas, e para a Arte se cria apenas uma visão de algo que não se entende, ou de uma profissão para apenas uma parcela elitizada da população.

Conseqüentemente, o campo de escolha para a arte fica restrito àqueles alunos que foram motivados ao saber artístico de outras formas, como por exemplo, no seu núcleo familiar, por amigos, ou até por alguma facilidade na área artística descoberta durante o período escolar. O fato é que, se não houvesse essa discrepância no ensino, talvez o entendimento sobre a arte pela população fosse diferente, e esses alunos sairiam das escolas, vendo a arte como possibilidade de futuro, percebendo o mundo e as expressões artísticas no seu dia a dia como relevantes, assim como percebem com facilidade a importância de outras áreas da educação.

Estas observações despertaram a percepção de que é necessário pautar alternativas para um aprendizado mais motivador nas disciplinas ligadas ao fazer artístico, considerando as necessidades dos discentes e dos docentes que produzem a dinâmica do fazer das aulas. E, assim, é preciso sempre buscar atualizações nas formas de trabalhar os temas e contextos em sala de aula, isso devido, o fato de os materiais didáticos de Arte e os recursos para se investir em propostas criativas serem em muitos dos casos escassos, conseqüentemente, torna comum aos olhares da comunidade escolar, fato de que, não só as disciplinas de Artes, como as disciplinas que fazem parte da interdisciplinaridade, sejam vistas como matéria com menor relevância no currículo básico dos discentes, se comparada a outras disciplinas como Matemática, Física, Língua Portuguesa, Química e, principalmente, as disciplinas do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico.

Acreditamos que uma das formas de mudar esta situação, será através da valorização e aproximação do significado da Cultura e da Arte da realidade social de cada aluno, por meio de temas relevantes do momento, relacionar aspectos históricos e propor atividades e ações que carreguem significado durante todo o seu processo para que haja a socialização do discente e docente. Para tanto, ainda urge a necessidade de investir na formação do professor, para que este possa trabalhar as temáticas propostas de forma proveitosa e, portanto, também possam ter seu espaço no ambiente escolar.

É preciso que essa percepção também se volte para os profissionais de educação, porque caso a Arte fosse uma disciplina mais valorizada dentro da comunidade escolar, é provável, quando pensamos em experiências e o quanto elas nos influenciam, que profissões ligadas a expressão artística pudessem estar em maior evidência na sociedade e serem tão prestigiadas e procuradas quanto às profissões ligadas às Engenharias, Saúde e Direito, por exemplo, e assim teríamos cada vez mais e melhores profissionais de áreas ligadas à Arte.

Conclui-se que, quando se fala em fazer a arte ser mais difundida nas escolas não se está dizendo apenas que aumentar a carga horária do aluno no currículo básico de Arte seja a solução ideal, mas sim que é possível propiciar e mostrar aos alunos novos caminhos e

possibilidades a serem percorridos durante sua trajetória escolar e de vida. Porém, estes caminhos nem sempre são valorizados e incentivados, mas trazem conteúdos tão importantes quanto os demais, por isso é importante ser a escola essa forma de orientação nos primeiros contatos com a expressão artística.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi. O Local da Cultura. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: CANEN, Ana. (1988). “Educação Multicultural, Identidade Nacional e Pluralidade Cultural: tensões e implicações curriculares”, in: ANPEd [On-line], www.anped.org.br/gt1.htm. Acesso em 12/05/2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. A educação como cultura. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CANEN, Ana, ARBACHE, Ana Paula e FRANCO, Monique, (2000). “Pesquisando Multiculturalismo e Educação: o que dizem as dissertações e teses”, in ANPEd. [On -line], www.anped.org.br/gt1.htm. Acesso em 07/05/2024.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GODOY A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. RAE-Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 2, mar-abr, p. 57-63, 1995

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MCLAREN, Peter. Multiculturalismo Crítico. São Paulo: Cortez, 1997.

MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.(LDB) Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais. (PCNs) Arte. 1997

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (Org.). Currículo: Políticas e Práticas. 10º ed. Campinas: Papirus, 2008.

MORAES, R. Análise de conteúdo. Revista Educação, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7- 32, 1999.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Revista e atualizada. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-29.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs). Escritos de educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998, p. 39-64.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.